

Introdução

Um gênio ultrapassa o limiar dos séculos. Agostinho não foi apenas um filósofo da antigüidade que deixou alguns escritos mais ou menos importantes. Aurelius foi, sobretudo, um jovem inquieto, ansioso por conhecer a verdade. Descobrir o sentido da vida tornou-se para ele uma necessidade e um desafio. Esse objetivo só lhe foi outorgado quando abraçou o Cristianismo.

Agostinho influenciou o século quarto e a história do Ocidente não apenas pela maneira brilhante e versátil pela qual interpretou o seu tempo. A sua conversão a Cristo deixou profundas marcas em seu pensamento. Quando se fala em Agostinho não se trata apenas de exaltar uma personalidade intelectual que iluminou o passado. A mensagem de Agostinho continua viva e atual. Ele tratou do homem, e este na sua essência é sempre o mesmo. Contudo, na base das explicações e investigações agostinianas, estava sempre a palavra Divina. Esta é portadora da imortalidade. Creio que aqui está a razão fundamental da sobrevivência e vivacidade de seus escritos. Ele não falou e escreveu apenas para os seus contemporâneos. A sociedade hodierna, se realmente deseja viver numa atmosfera de concórdia e justiça social, deve se colocar à escuta do exímio teólogo hiponense.

Neste trabalho, pretendo apontar alguns aspectos da doutrina agostiniana acerca da atividade política; eles se encontram embutidos na *Cidade de Deus*. Nesta obra tão extensa e profunda, o doutor da graça apresenta sua visão objetiva e lúcida sobre a história. O exercício da política não foi esquecido. Ele traçou metas, diretrizes preciosas, úteis para seu pleno desempenho.

O sistema político de hoje, como nos meandros do século quarto, está ameaçado por tantos perigos. Precisa como o Império Romano aceitar os princípios cristãos, portadores de valores que de fato podem sustentar a vida social e o poder político.

Se o Império Romano, governantes e governados, tivesse aderido à fé com certeza não teria sido arruinado. A proposta agostiniana para a construção de uma sociedade justa e fraterna permanece viva. Oxalá os nossos governantes e aqueles que pretendem assumir cargos públicos saibam acolhê-la.

Assim, nesta dissertação, ocupar-me-ei em primeiro lugar em apresentar sinteticamente a época e respectivo contexto social em que Santo Agostinho viveu. Na

segundo capítulo deter-me-ei na relação do doutor da graça com a atividade política e ao conceito que ele apresenta da mesma.

No terceiro capítulo, analiso o conceito que Santo Agostinho formula do homem e o papel que o ser humano é chamado a desenvolver no seio da sociedade; aí veremos em que consiste e qual o significado da visão mística das duas Cidades. No quarto capítulo, apresento a proposta do exímio teólogo para a construção de uma sociedade justa e solidária. Para isso, nosso doutor diz claramente que tanto governantes como governados devem se abrir à fé, colocando em prática os preceitos evangélicos. Aliás, é somente quando Deus é posto em primeiro plano na ordem do amor que na visão de Santo Agostinho, haverá uma autêntica ordem social, ou seja, uma realidade alicerçada na justiça, na paz, na concórdia, e na solidariedade.

1**A Contextualização de Agostinho e da Obra *Cidade de Deus***

Impossível entender o pensamento de um autor sem conhecer o contexto histórico em que o mesmo nasceu e viveu. Por isso, é indispensável, no início deste trabalho, fazer um estudo ainda que seja breve do tempo em que Santo Agostinho viveu. Sublinho, neste primeiro capítulo, aspectos referentes à pessoa de Agostinho. Sua rica personalidade despontou, dentro de um ambiente urbano e desenvolveu-se recebendo várias influências como sua família e seus mestres, profundamente marcados pela cultura do Império Romano.¹

Possuidor de uma inteligência singular, destacou-se logo como um jovem promissor, cuja ascensão social não tardaria muito devido à sua capacidade intelectual. Contudo, se sabe que a escalada intelectual de Agostinho foi retardada por motivo de sua descoberta precoce do mundo dos prazeres e jogos, como se verá mais tarde no decorrer deste trabalho.

Pretendo retratar, neste capítulo, o período político-social em que Agostinho cresceu. Sem dúvida ele foi influenciado pela situação sócio-político-administrativa de sua pátria, fortemente dominada pela cultura romana. Ainda que Agostinho não estivesse sempre preocupado com os destinos políticos de sua terra e nem com a sorte de seus contemporâneos do ponto de vista social, este assunto só veio a incomodá-lo quando se tornou Bispo da Igreja de Hipona. O contato direto com a realidade da miséria, através dos inúmeros pobres que o procuravam para expor suas necessidades materiais, fez com que ele ficasse mais sensibilizado com os problemas sociais. Movido pela caridade cristã e pelo grito desta parte significativa de seu rebanho, que era oprimida e marginalizada, Agostinho começou a erguer sua voz denunciando as injustiças e convidando os ricos a partilharem os seus bens.

A *Cidade de Deus* não surgiu de uma hora para outra. Esta obra foi fruto de um longo amadurecimento humano, filosófico, teológico e pastoral do Bispo de Hipona. Para escrever a *Cidade de Deus*, Santo Agostinho fez uma análise social e política de sua época. Para compreender o seu significado e ressonância nos dias atuais, é fundamental conhecer o porquê e o objetivo que o levaram a redigi-la. A *Cidade de Deus* tem uma peculiaridade. Esta se deve aos motivos que inspiraram Agostinho, os quais partiram de sua observação crítica da história. Seu aguçado conhecimento dos

¹ Compreende os anos de 235 a 476 DC que correspondem ao Baixo Império Romano.

povos e das civilizações, destacando-se a romana, fez da *Cidade de Deus* uma monumental enciclopédia de cunho político-social. Nela encontra-se uma recapitulação da história à luz da fé. Santo Agostinho como exímio teólogo analisa a caminhada individual e social dos homens, apontando os seus acertos e os seus erros. A bússola que o orientou foram as Sagradas Escrituras. Segundo ele é da adesão ou do desprezo delas, por parte dos que governam e dos que são governados, que depende o êxito ou o fracasso da sociedade.

1.1.

A Época de Agostinho e Contexto Político Social

A Política na *Cidade de Deus* de Santo Agostinho

Neste primeiro capítulo procurarei descrever o contexto histórico social em que viveu Santo Agostinho. Todo homem é profundamente marcado pelas impressões que recebe na infância e, depois, na juventude. O pastor hiponense não ficou isento desta realidade. A sociedade na qual nasceu deixou nele significativas influências. Elas transparecem em todas as suas obras de cunho apologético ou pastoral. É evidente que a sua conversão ao cristianismo foi um ponto marcante na sua vida. Tento descrever seu itinerário pelos maniqueus e a passagem por várias correntes filosóficas, inclusive o ceticismo, sempre movido pelo desejo de conhecer a verdade. Depois de tantas desilusões nestas escolas, o doutor da graça chegou à conclusão de que nenhuma delas era capaz de satisfazer seus anseios de felicidade.

A preocupação social do teólogo da graça só aflorou realmente quando ele se abriu para o Evangelho. Até então suas solicitações gravitavam apenas em torno dos seus interesses pessoais. O apelo do amor ao próximo ressoou com nitidez somente depois que *Amor Dei* tomou posse do seu coração. A motivação pelas questões sociais foi também suscitada pela situação de miséria em vivia grande parte do seu rebanho.

Ao longo deste capítulo, se verá que nenhum escrito do santo pastor surgiu por acaso. Assim, a *Cidade de Deus* foi formulada, depois redigida após séria maturação do hiponense. Ele quis dar uma resposta aos problemas que os cristãos enfrentavam na sociedade de sua época. Para isso, resolveu fazer uma obra que fosse uma clarificação da doutrina cristã. O cristianismo é compatível com qualquer projeto sócio-político administrativo, desde que este não exclua Deus. Os cristãos podem e

devem contribuir para a construção de uma sociedade solidária. Eles não foram culpados da queda de Roma e nem do império romano. Eles foram destruídos porque estavam edificadas sobre o orgulho e a vaidade dos homens.

1.1.1 A Pessoa de Agostinho

Aurelio Augustinus nasceu em *Tagaste*, província romana de Numídia, na África romanizada (hoje chamada, *Souk-Ahras*, na atual Argélia, Norte da África) em 13 de novembro de 354. Desde seu nascimento, Santo Agostinho teve que conviver com um clima de divisão, pois sua mãe Mônica era uma autêntica cristã e seu pai, Patrício, funcionário público e pequeno proprietário de terra, era um pagão duro e difícil. A conversão de seu pai ao Cristianismo só se deu pouco antes de sua morte. Santo Agostinho teve dois irmãos: Navígio, que se converteu juntamente com ele, e Perpétua, que depois de enviudar, tornou-se religiosa, chegando a ocupar a função de Superiora em um Convento agostiniano em Hipona.²

Santo Agostinho se expressava em púnico ou cartaginês, a língua de sua terra. Dominava perfeitamente o latim que fora implantado pelos romanos.³ Embora gostasse das poesias da mitologia grega, Santo Agostinho não dominava bem o grego, isso ele deixa transparecer na sua obra *As Confissões* quando diz:

*“Mas qual era a causa da aversão que tinha à língua grega que me ensinaram quando criança? É o que ainda hoje não sei explicar. É verdade que outrora, quando criancinha, também não sabia nenhuma palavra latina e contudo, instruí-me, sem a pressão correcional dos instigadores, impelido só pelo meu coração desejoso de dar à luz os seus sentimentos.”*⁴

Evidentemente que esta dificuldade de aprender a língua grega não impediu Santo Agostinho de travar contato com as obras dos historiadores gregos como Varrón, que mais tarde teria marcante influência no pensamento Agostiniano.

² Cf. RUBIO, P.. *Toma e Lê*, p. 392.

³ A conquista romana transformou a região. Roma dividiu a África no séc. IV em sete províncias da Líbia a Mauritânia, de Cartago a Cesárea. Uma parte da população falava o latim, mas as populações dos campos falava o púnico.

⁴ Cf. Conf. (I, 13-14).

Quando Santo Agostinho tinha cerca de 11 anos, foi mandado para *Madaura*, uma cidade cerca de trinta quilômetros de *Tagaste*, que era um centro intelectual. No programa dos estudos, constavam os seguintes autores: Terêncio, Plauto, Sêneca, Salústio, Horácio, Cícero, etc. Esses estudos, segundo costume da época, eram realizados visando quatro aspectos: *lectio* (leitura em voz alta com ensino de dicção); *enarratio* (explicação dos textos); *emendatio* (análise gramatical e literária) e *judicium* (estudo de conjunto). Ao mesmo tempo, estudava Grego.⁵

Embora dotado de uma inteligência privilegiada, Santo Agostinho deixou-se envolver desde cedo pela sedução dos prazeres e jogos, atrasando de certa forma sua ascensão intelectual. Somente em fins de 370 d.C., com 16 anos, ele partiu para Cartago para fazer seus estudos superiores graças à ajuda de um benfeitor amigo da família, o Mecenas Romaniano. Neste período, Santo Agostinho vive uma das fases mais críticas do ponto de vista moral, pois se entrega completamente aos vícios e paixões desordenadas como ele mesmo irá declarar mais tarde:

“Vim para Cartago. De todos os lados ferviam criminosos amores. Ainda não amava e já gostava de amar impelido por uma necessidade secreta, enraiveciam-me contra mim mesmo por não me sentir mais faminto de amor (...) Era para mim mais doce amar e ser amado, se podia gozar do corpo da pessoa amada. Deste modo manchava com torpe concupiscência, aquela fonte de amizade. Embaciava a sua pureza com fumo infernal da luxúria⁶.”

Mas, apesar desta miséria moral em que estava mergulhado, Santo Agostinho dedicava-se também aos estudos e fazia planos de formar-se em direito devido a sua facilidade de argumentação e de retórica. Foi durante sua estada em Cartago que conheceu e leu a obra “*Hortensius*” de Cícero. A leitura deste livro suscitou em Santo Agostinho a paixão pela filosofia. Desde então, ele se volta para a busca da verdadeira sabedoria que só encontrará muito mais tarde quando abraçar o Cristianismo, pois apesar de não ter praticado a religião que sua mãe lhe inculcava desde a infância, ele guardara na sua mente as noções básicas sobre Cristo que lhe foram transmitidas desde a tenra idade. O contato com a obra de Cícero lhe impressionou pelo seu estilo literário. Mas, para sua frustração, não mencionava uma única vez o nome de Cristo, único capaz de proporcionar autêntica felicidade do ser humano, como ele dirá vários anos mais tarde depois de sua conversão: “*Verdadeira felicidade está em Deus, isto é,*

⁵ Cf ROCHA, H. M., *Pelos Caminhos de Santo Agostinho*, p. 19.

⁶ Conf, III 1.

*só é verdadeiramente feliz quem possui a Deus*⁷”. Agostinho desejava nesta época resolver o problema da felicidade humana que consistia em saber como alcançá-la. Isso foi solucionado quando ele abriu seu coração e inteligência para Deus. Contudo para chegar a esta conclusão, Santo Agostinho percorre um longo caminho até que se debruça sobre a Bíblia, como ele mesmo declara:

*“Determinei dedicar-me ao estudo da Sagrada Escritura, para a conhecer... a sua simplicidade repugnava ao orgulho, e a luz da minha inteligência não lhe penetrava no íntimo*⁸“.

Embora atraído pelas cartas de São Paulo, Santo Agostinho não captou de imediato o sentido da Sagrada Escritura, aumentando ainda mais sua angústia e inquietação em busca da verdade. Foi nesta circunstância que ingressou no Maniqueísmo, seita fundada pelo sacerdote Persa chamado Mani, que viveu no século terceiro. Segundo esta doutrina, que admite uma mistura imaginosa de elementos gnósticos, cristãos e orientais,⁹ o mundo é formado por dois princípios: um do bem, ou princípio da luz, e outro do mal, ou princípio das trevas. Essa corrente filosófica dizia que o homem possui duas almas: a corpórea, que é a do mal, e a luminosa que é a do bem. Para o ser humano atingir a alma luminosa, deve se submeter a uma rigorosa ascese que consiste em três etapas: abstenção de carne, de manter conversas impuras, abstenção de propriedade e do trabalho, não se casar, e nem concubinato. Por algum tempo, esta doutrina respondeu às interrogações de Santo Agostinho. Nesta seita, ele permaneceu por nove anos, pois ela lhe deu por algum tempo uma justificativa para seus erros e contradições. Ele queria saber de onde se originava aquela força que o atraía para o mal. Contudo, quando Santo Agostinho mergulhou no conhecimento maniqueísta, para conhecer os fundamentos sobre os quais a doutrina estava alicerçada, se deparou com várias contradições, e além do mais os membros da seita não dispunham de muita cultura, deixando-o decepcionado. Depois da sua conversão ele irá dizer:

⁷ De beata vita I,12.

⁸ Op cit. III, 5.

⁹ ABBAGNANO, N., *Dicionário de Filosofia (verbete maniqueísmo)*. Trad. Alfredo Bossi. São Paulo: Martins Fontes. 1998 p 641.

“Caí assim nas mãos de homens orgulhosos extravagantes, demasiado carnavais e loquazes. Havia na sua boca laços do demônio e um engodo, preparado com a mistura de sílabas do vosso nome, do de nosso Senhor Jesus Cristo e do Paráclito Consolador, o Espírito Santo (...) Expressava-se falsamente não só de vós, que Verdadeiramente sois a Verdade, mais ainda acerca dos elementos deste mundo, Criaturas vossas.”¹⁰

Nesta mesma época, Santo Agostinho se entregou também ao magistério, percorrendo as cidades de Tagaste, Cartago e Roma. Depois de algum tempo, desiludido pela falta de interesse dos alunos, parte para Milão em busca de melhores condições de exercer seu ofício de professor, almejando reconhecimento intelectual no seio da sociedade de Milão. Nesta fase da vida, dando continuidade às suas aventuras amorosas, ele tem um filho, Adeodato, e, paralelamente à sua vida depravada, permanecia angustiado pelo problema da verdade. Como mencionado anteriormente, a leitura do *Hortêncio* de Cícero introduziu Agostinho no itinerário da sabedoria. Contudo, este caminho o levou de *Hortêncio* para Manés, de Manés a Plotino depois Paulo e finalmente Cristo.¹¹ Nele Agostinho encontrou a Verdade que tanto buscara. Bem diverso do que pensara ela não estava no exterior mas no seu íntimo “*Deus é mais íntimo que o nosso próprio íntimo*”¹². Até então, Agostinho procurara a Verdade fora no mundo material, nas criaturas, no efêmero. Quando tomou consciência da presença de Deus dentro de seu interior Agostinho experimentou a verdadeira felicidade. Chegara ao porto da paz que tanto desejara. Atraído pela arte da oratória do grande bispo de Milão, Santo Ambrósio, passou a ouvir seus sermões e começou a entender o sentido das Escrituras. Daí resolveu pedir o batismo. Assim depois de muita reflexão, estudo e silêncio nos arredores de Milão, recebe o batismo no sábado Santo de 387 d.C., pelas mãos de Santo Ambrósio, como ele mesmo registrou vários anos depois nas *Confissões*:

“*Chegada à ocasião em que convinha inscrever-me entre os catecúmenos, voltamos a Milão(...) Recebemos o batismo e abandonou-nos a preocupação da vida passada*”¹³.

Daí por diante começa nova etapa na vida de Santo Agostinho voltada para a oração, leitura, recolhimento, mergulho no silêncio até sua escolha para o Sacerdócio,

¹⁰ ibidem III,6.

¹¹ BOEHNER, P., GILSON, E., *História da Filosofia Cristã: Desde as Origens até Nicolau de Cusa*, p. 165.

¹² Conf. III, 6, 11; 53, 10.

¹³ Ibidem, IX, 6.

sucedido do episcopado, pela indicação do Bispo de Hipona Valério, tornando-se mais tarde o sucessor deste.

1.1.2. Contexto Político-Social

Agora, faz-se necessário apresentar uma explanação sobre a situação político-social da África¹⁴ no tempo de Santo Agostinho. A riqueza era a terra, e a nobreza era, antes de tudo, rural, pois esta era proprietária de grandes glebas rurais. Registra-se que nesta época entre os séculos IV e V os proprietários dos grandes latifúndios da África eram todos antigos funcionários do Estado, que utilizaram seus períodos administrativos como procônsules legados para adquirirem imensas propriedades em circunstâncias duvidosas. As injustiças sociais eram gritantes e os colonos muitas vezes não dispunham de nenhum sistema de proteção contra as arbitrariedades dos poderosos proprietários de terras que lhes impunham fardos demasiadamente pesados através de seus procuradores. A situação era tão crítica que um autor chega a dizer: “*Os ricos eram raros, mas imensamente ricos, ao passo que os pobres eram numerosos*”.¹⁵

Assim, pode-se afirmar que as províncias viviam em função dos altos funcionários do Império, sendo estes os responsáveis pelo aumento exorbitante da pobreza e da miséria da população africana.

Como o tema do presente trabalho é o pensamento político de Santo Agostinho, é necessário conhecer, também, a situação política de sua época. Quando ele nasceu, o Império Romano já se encontrava em declínio. A sociedade Romana, vitoriosa pelas várias conquistas em outros tempos, já se encontrava desgastada pelas guerras e também pela corrupção dos vícios, responsável pela sua decadência moral, intelectual e política. A visão de um passado glorioso dominava boa parte da sociedade impedindo qualquer reação de resistência e contenção da desintegração e decadência moral. Apesar dos indícios de destruição, em muitos ambientes de Roma se respirava ainda um certo ar de triunfalismo, o que fazia alguns se considerarem uma espécie de semideuses. Até mesmo nas colônias, a situação não era muito diferente, embora fosse um pouco diferente do que em Roma. Foi para estas cidades que ocorreu a nata da

¹⁴ Como já mencionei na nota 3 o império romano havia dividido no século IV a África em sete províncias. Cada domínio era administrado por um gerente imperial ajudado pelos colonos. As propriedades privadas pertenciam às grandes famílias.

¹⁵ HAMMAN, A., G., *Santo Agostinho e seu Tempo*. p. 90.

sociedade Romana, ou seja, os funcionários da corte, os políticos e até militares, quando sentiram o perigo imediato da invasão bárbara.

A cidade de Cartago foi a preferida pelos que abandonaram Roma, com receio do saque¹⁶. Cartago era a província que se parecia muito com arquitetura e o estilo de vida dos Romanos, pois ela havia sido romanizada pelas conquistas militares na fase áurea de Roma. Privilegiada pelos teatros, circos, banhos e organização econômico-social razoável, Cartago tornou-se o refúgio dos Romanos deserdados¹⁷. Até a divisão geográfica de Cartago estava colada na organização e estruturas Romanas, distribuindo-se em províncias dirigidas pelos procuradores e cônsules. A língua latina predominava em grande parte em quase todos os ambientes da sociedade cartaginesa, menos nas camadas rurais, onde se utilizava o Púnico, língua nata, que fora praticamente eliminada pelos Romanos, que impuseram a latina. Porém, essa dominação por parte de Roma não foi completa, pois nenhum povo aceita passivamente a invasão de sua terra com a conseqüente demolição de seus valores e costumes, tanto assim que os ocupantes não conseguiram impor seu domínio em todo o norte da África. É neste período que se registram várias revoltas provocadas por alguns grupos sociais que não se conformaram de maneira passiva à ocupação Romana.

A sociedade do norte africano não era tão diferente de outros povos e nem das sociedades de hoje. Ela estava dividida em vários segmentos. Dentre eles havia os Circunciliões, formado por antigos pastores, nômades, que foram perdendo seus lugares de pastagem com o desenvolvimento da agricultura pelos Romanos; estes quiseram submetê-los a pesados fardos e a ganhar salários baixos, provocando sangrentas revoltas. Esse grupo tinha como objetivo reverter o quadro, mudando a situação, ou seja, os grandes fazendeiros e estrangeiros Romanos tornarem-se trabalhadores e os camponeses descansarem. Por diversas vezes, fizeram isso nas fazendas que invadiram.¹⁸

Havia também os escravos, categoria muito explorada, considerada excluída. Contudo, eram fortes e se organizavam com a intenção de adquirirem a liberdade.

¹⁶ Em 24 de agosto de 410, Alarico entrou em Roma. O saque durou 3 dias e 3 noites. Foi a queda do império Romano. Tanto para os Cristãos como para os pagãos este episódio causou uma profunda desolação.

¹⁷ Pois os refugiados vindos de Roma procuraram Cartago e outras cidades portuárias para salvarem as suas vidas e os seus poucos pertences. Traziam consigo a imagem da destruição. Roma grandiosa e bela estava em ruínas. O Império Romano que parecia poderoso não for a capaz de resistir ao ataque dos visigodos.

¹⁸ HAMMAN, A. G. op. cit. p. 89.

Sobre eles, Santo Agostinho se detêm nas cartas 21 e 356, onde faz apelo premente em favor da libertação deles.

Os camponeses, como referido acima, também faziam parte do processo de exclusão social. A situação deles era tão crítica que Santo Agostinho. Dirá mais tarde em seus sermões: *“Como as terras dos pequenos são roubadas pelos grandes, até com meios legais.”*¹⁹

Tanto era assim que muitos deles abandonaram as zonas rurais e foram em busca de melhores condições de vida nas cidades. Lá se juntavam aos estrangeiros fugitivos, ou migrantes que não tinham direito algum, só deveres; deviam trabalhar e acabavam esmagados por várias formas de injustiça e opressão por parte dos grandes e poderosos, não dispendo sequer de uma moradia decente.

Outro grupo em nada privilegiado era o dos pescadores e caçadores que viviam unicamente do produto de seus trabalhos, dependendo da sua renda no porto e no mercado. Eram identificados pela maneira simples de falar e se trajar; eram explorados pelos mercadores que tinham uma certa influência na sociedade conseguindo a aprovação de leis que os beneficiavam em detrimento dos pescadores e caçadores; estes eram obrigados a vender seus produtos por preços baixos, enquanto os mercadores praticavam a usura, corrompendo muitas vezes o sistema fiscal para não serem punidos. Santo Agostinho se refere a eles quando denuncia a vileza de comportamento no sermão 386, quando diz: *“O copo não os satisfaz, querem beber o rio”*.

Depois desta explanação sobre as classes menos desfavorecidas da época de Santo Agostinho, é preciso mencionar os setores mais afortunados da sociedade de então, a começar pelos profissionais liberais. Entre eles, podemos classificar os médicos, que devido ao seu amor exagerado ao dinheiro, viviam enclausurados dentro de si mesmos. Por causa da comercialização da medicina eram desprezados pelas classes baixas do povo, que procuravam os curandeiros e feiticeiros, considerados uma espécie de medicina alternativa.

Entre os profissionais liberais encontram-se também os funcionários do Império, que eram os servidores públicos da época. Eles gozavam de boa situação. Com esta categoria, Santo Agostinho conviveu bem de perto, pois seu pai, como já fora

¹⁹ Sermão 347.

mencionado, era um funcionário público. Foi graças a esta influência paterna no meio dos ricos que Santo Agostinho conseguiu estudar.

Quanto aos ricos, esses eram minoria, viviam na abundância e no ócio, pois a vida deles consistia em caçar, freqüentar os banhos e jogar. Passavam grande parte do tempo entregues à diversão de toda sorte, até mesmo as coisas torpes como a bebida e toda prática de costumes depravados.

Por tudo o que foi descrito até aqui, constata-se que o norte da África vivia numa situação de constante conflito, esforçando-se por manter a sua identidade, apesar da opressão dos invasores e, ao mesmo tempo, lutando pela sua independência política, social e cultural.

A autoridade concentrada a princípio nas mãos do Imperador Romano era descentralizada pelos procuradores que exerciam poder absoluto nas províncias dominadas pelo Império. Isso gerava grandes injustiças na Administração Pública, pois a idolatria do poder e a vaidade de possuir títulos nobres impediam o exercício justo das funções destes procuradores como menciona o próprio Agostinho na: “O desejo de nobreza muito comum entre os romanos foi causa também de serem um povo explorador(...)”. Porém, Santo Agostinho reconhece que o desejo de dominar não era especificamente uma atitude do povo romano, mas um vício comum a todo gênero humano, muito embora mais arraigado neste, como nesta mesma obra ele acrescenta:

*“O desejo (libido) de domínio que é um vício comum a todo gênero humano, estava mais profundamente arraigado no povo romano ao vencerem a uns poucos poderosos oprimiram também os restos já acabrunhados e fatigados com o jugo da escravidão.”*²⁰

Para Santo Agostinho, as guerras, as lutas fratricidas, as revoltas e os assassinatos são resultados do desejo desordenado que o homem tem de se impor aos seus semelhantes. O sistema político do tempo de Santo Agostinho estava profundamente deteriorado porque perdera sua verdadeira razão de ser. As autoridades não buscavam o bem comum de seus cidadãos; isto era gritante que Santo Agostinho diz claramente na *Cidade de Deus* que a justiça nunca fora praticada no Império Romano, pois até então Roma havia adorado deuses falsos incapazes de proporcionar a verdadeira harmonia entre seus súditos, como expressa na *De Civitate Dei*: “A autêntica justiça existe apenas na República cujo fundador e o governo é

²⁰ *De Civitate Dei* I,30.

Cristo”²¹. Para Agostinho nenhum sistema político realizará plenamente sua função enquanto não se abrir aos valores supremos contidos no Evangelho.

1.2

SANTO AGOSTINHO E OS POBRES DE SEU TEMPO

1.2.1 Influências em seu pensamento

A primeira fase da vida de Agostinho compreendida entre os anos 354 a 373 d.C., ele viveu entre Tagaste e Cartago. Neste primeiro período recebeu a educação familiar, inclusive algumas noções da doutrina cristã. Depois, foi encaminhado por seu pai, para os estudos, concomitantemente Agostinho descobriu neste tempo a vida mundana e começou a trilhar a vereda dos vícios sobretudo carnis. Seu interesse intelectual inicialmente girou em torno de questões de literatura, amor a gramática. Contudo, a leitura de Hortensio de Cícero o introduziu o pensamento filosófico. Aliás, como já mencionado, esta obra desempenhou grande influência na vida e na obra de Agostinho. Foi neste tempo, ou seja, no ano de 364 d.C que ingressou na seita dos maniqueus. Aos 19 anos, tornou-se de professor de retórica em Catargo, permanecendo dez anos. Sua vida neste período ficou dividida entre o magistério e os prazeres e o afeto dos amigos²². Leu e entendeu sem auxílio o livro de Aristóteles *Sobre as categorias*. Esta leitura provocou várias dúvidas em Agostinho sobre a veracidade do maniqueísmo. Ele procurou Fausto, considerado o mais famoso sábio da seita dos maniqueus. Este, porém não satisfez as indagações de Agostinho deixando-o mais confuso e perplexo. Agostinho se decepçiona nesta ocasião com a seita mais continua seus contatos com alguns membros da mesma. Nesta circunstância ele conhece e se deixa fascinar pela doutrina dos cétricos²³. Embora sua passagem por esta escola tenha sido rápida ela deixara algumas impressões. Isso ele deixa entender anos depois em Milão “*Ambrósio não sabia que filho era eu, cétrico a respeito de tudo e convicto de não poder encontrar o caminho da vida*”.²⁴ Também no discurso contra

²¹ Ibidem, II, 21,4.

²² Cf. ABBAGNANO, N. *A História da Filosofia*, p. 175.

²³ Corrente de intelectuais chamada nova academia por Carnêades em 214 d.C. que apregoava a impossibilidade do conhecimento da verdade filosófica.

²⁴ Conf. VI, 2,2.

acadêmicos Agostinho deixa transparecer o imbuiste e astúcia dos princípios céticos combatendo-os. Atitude que assumirá até o fim da vida.

Aos 29 anos, em 383 d.C., Agostinho parte para Roma com o desejo de dedicar-se ao ensino de encontrar alunos mais dedicados. Além disso movido pelo anseio de ascender socialmente.²⁵ Porém, em Roma ele se desilude os jovens romanos eram indisciplinados e irresponsáveis. Agostinho não encontrou correspondência intelectual e se sentiu frustrado. Seus esforços não foram capazes de prender o interesse dos estudantes.

No ano 384 d.C. Agostinho resolve fixar domicílio em Milão. Concorre em um concurso público, tornando-se professor oficial de retórica.²⁶

Nas suas obras iniciais, Agostinho se detém sobre questões de ordem antropológica. Ele tinha muito presente o problema da procura da felicidade, anseio que nutria desde sua adolescência. Quando se entregara a uma vida dissoluta e depravada, ele estava procurando sua felicidade, ainda que inconscientemente. A busca incansável da verdade, da sabedoria, e do desejo de prestígio e fama dominaram o primeiro período de sua vida. Suas intervenções sobre os assuntos ligados ao social e a política só surgem quando ele se torna Bispo de Hipona. A partir, de então é possível descrevê-lo profundamente mergulhado no cerne destas questões. Embora alguns Hagiógrafos o apresentem como um Bispo apenas intelectual e apologeta, Santo Agostinho deixa entrever nos seus Sermões, e de modo particular na sua obra *A Cidade de Deus*, que é considerada a principal de cunho político, suas posições sobre a política e as injustiças sociais.

Santo Agostinho foi sagrado Bispo de Hipona, em 395 d.C.. Neste mesmo ano, o Império Romano foi dividido entre os dois filhos de Teodósio, grande Imperador Romano. O Oriente ficou com Arcádio e o Ocidente com Honório, a África ficou pertencendo ao reino do Ocidente. A harmonia durou pouco. A paz foi ameaçada e desapareceu completamente quando estes dois impérios começaram a se digladiar, ocasionando nas províncias, do além-mar, revoltas e dissoluções. Em 397 d.C. ocorreu a revolta de Gildão²⁷. É nesta ocasião que Gildão torna-se “*inimigo público*

²⁵ idem, V, 8,14.

²⁶ Cf. CAPÁNAGA, V. *San Agustín*, p. 44.

²⁷ Gildão havia se tornado chefe militar da África organizou uma espécie de exército clandestino começando a conspirar contra o Império do Ocidente. A revolta objetivava a independência do norte da África.

do Império”. Ele era ligado ao Bispo Optato da seita dos donatistas que se opunha aos católicos. Sobre esta ligação Santo Agostinho dizia:

“Com intolerável prepotência, rodeou-se de soldadesca, não porque tivesse que temer alguém, mas para semear o terror; oprimiu várias viúvas, assassinou crianças, dilapidou patrimônios de outros, arruinou famílias, pôs à venda bens que pertenciam a inocentes, frustrando os proprietários em lágrimas. Durante dez anos, ressoou o gemido de toda a África sob as garras desse Optato Gildaniano.”²⁸

1.2.2 Agostinho e os pobres

Pela leitura dessas declarações de Santo Agostinho, vê-se que ele acompanhava com viva apreensão os acontecimentos sócio-políticos do Império, tomando posição crítica e política com relação à sorte de seus fiéis. O seu dever de pastor o impelia a não se calar diante dos conflitos de poder que acarretavam vários malefícios ao seu rebanho.

A cidade de Hipona era habitada por ricos, mas a população na sua maioria era de pobres e miseráveis; a estes últimos, o Santo dedica depois de sua sagração uma atenção especial, assumindo completamente a defesa deles, solidarizando-se completamente. Ele chegou dizer em certa ocasião: *“Faço-me mendigo por causa dos mendigos”*.²⁹

A posição de bispo não tornou Santo Agostinho um burocrata. Ele estava inserido intensamente no contexto social e político de sua diocese, que era palco de grandes injustiças sociais. Ele se deparava freqüentemente com os pobres e incitava os ricos, proprietários de terras, e governantes a serem mais humanos e solidários com os injustiçados, como ele mesmo se expressava durante seus sermões:

“A cada dia, ah, são tantos os indigentes que pedem, gemem, nos suplicam que nós deixamos muitos deles com sua tristeza porque não temos o que dar para todos.”³⁰

“Vindo até a basílica, fui parado na rua pelos pobres. Eles me suplicaram que intercedesse em seu favor, pois, nos últimos tempos não tem recebido nada de vossa parte. Evidentemente, eles esperam que nós, gente da igreja lhe demos

²⁸ Ep. 2,5.

²⁹ Ser.66,5.

³⁰ idem 355,5.

*alguma coisa. Nós mesmos fazemos aquilo que podemos, mas nossos meios são limitados. Mas nos fazemos seus mensageiros junto a vós”.*³¹

Destas palavras, depreende-se que Santo Agostinho foi um bispo comprometido com seu povo, apesar de sua paixão pelo estudo e a escrita. Jamais se omitiu de expressar seu juízo crítico sobre a situação de injustiça e desigualdade social em que se encontravam suas ovelhas, resultado de uma política social que beneficiava poucos e massacrava a maioria reduzindo-os a níveis de vida sub-humanos. A esse sistema injusto e desigual, ele não poupava críticas e exortava à conversão:

*“Toma cuidado para que, ao fazer do mais fraco uma presa, não te tornes presa de um mais forte. Esqueces-te de que estais no mar? Não vês que os peixes maiores devoram os menores?”*³²

Essas palavras de Santo Agostinho são uma forte censura ao sistema político da época. As autoridades ao invés de promover o bem comum de todos os cidadãos, serviam-se do cargo para defender apenas seus interesses pessoais em prejuízo das camadas mais pobres, chegando mesmo a arruiná-las por completo.

1.3

O SURGIMENTO DA OBRA *CIDADE DE DEUS*

1.3.1

A origem da *Cidade de Deus*

A *Cidade de Deus* nasceu como tentativa de responder aos pagãos que responsabilizavam os cristãos pelo saque de Roma,³³ e conseqüente queda do grandioso império Romano. Os pagãos apregoavam que Roma caíra porque seus habitantes e governo haviam abandonado os seus deuses de outrora, aderindo à nova religião que era o cristianismo. As notícias sobre estas calúnias foram levadas oficialmente a Santo Agostinho pelo Tribuno Marcelino, que era amigo do santo; este lhe rogou que escrevesse uma obra que viesse em defesa dos cristãos.³⁴

Evidentemente que Santo Agostinho já se pronunciara sobre a destruição de Roma e as calúnias contra os Cristãos anos antes. Quando Roma fora Invadida e

³¹ idem 61,13.

³² idem .86.

³³ Alarico rei dos Vizigodos invadiu Roma, em 24 de agosto de 410 d.C, foi o fim do Império Romano. Depois de três dias e três noites a cidade ficara completamente destruída. Os poucos sobreviventes não tinham outra alternativa a não ser fugir. Alguns encontraram refúgio em Cartago. Levaram consigo a imagem dos horrores da invasão.

³⁴ HAMMAN, o.p cit.P.97.

destruída ele se encontrava em Cartago, envolvido nas disputas contra os donatistas³⁵. Contudo, quando regressa a Hipona ele refuta as blasfêmias dos pagãos contra os Cristãos dizendo em um de seus sermões:

*“O Mundo é como o homem: nasce, cresce e envelhece. E quantos queixumes no tempo da velhice! A tosse, vômitos, catarro nos olhos, opressão, lassidão-eis a sua partilha(...) Eis que, na hora do Cristianismo, Roma é destruída. Ela talvez não esteja destruída: foi flagelada, mas não demolida; castigada mas não aniquilada (...) Quem se surpreenderá se Roma passar, já que o Céu e a Terra, obras de Deus também passarão? (...) Se este mundo está sendo destruído, diz a ele que Cristo o previu”.*³⁶

Santo Agostinho assumiu uma postura crítica com relação às acusações dirigidas aos que aderiram ao Cristianismo durante uma conferência brilhante que pronunciou em Cartago em 411 d.C. Na ocasião, vagavam por esta cidade vários habitantes de Roma, desanimados e aniquilados, que lá se refugiaram. Santo Agostinho aproveita a circunstância do dia 29 de junho e na basílica de Cartago profere sua alocução explicando à luz da fé o significado da queda de Roma e defendendo os adeptos do Cristianismo das blasfêmias, afirmando:

*“Diz-se que o corpo de S. Pedro jaz em Roma, que o corpo de S. Paulo jaz em Roma (...) Que importância tem onde jaz o corpo de Pedro? Seu testemunho ensina-nos a não nos apegarmos à terra, mas sim procurarmos aquilo que permaneceu (...) Tu não haverias de querer que Pedro fosse morto e sepultado em Roma para salvar os templos e manter no lugar as pedras dos teatros! A Basílica de S. Pedro é belíssima; mas a carta de Pedro é melhor!”*³⁷

Mas Santo Agostinho não se contentou apenas em defender o Cristianismo somente nestes sermões como se percebe. Provocado pelo famoso “Círculo de Volusiano”³⁸ Santo Agostinho se pronunciou contra como também nas cartas 137, a Volusiano, e 138, a Marcelino, refuta com expressiva objetividade todas as objeções suscitadas. Ambas cartas são verdadeiras introduções à *De Civitate Dei*, pois preparam para a compreensão dessa magnífica obra de cunho apologético, político-social. *De Civitate Dei* é de fato um compêndio histórico, teológico e filosófico. Foi

³⁵ O donatismo foi um cisma que dividiu a Igreja na África, durante três séculos e meio, do fim da perseguição de Diocleciano a invasão árabe. Divergências inconciliáveis se estabeleceram nesta época entre os cristãos a respeito da atitude a assumir em face dos crentes e mesmo dos Bispos que haviam falhado durante a perseguição. O Bispo Donato organizou o partido dos intransigentes, para os quais a validade dos sacramentos dependia da santidade dos ministros. Do lado católico, suscitou uma reflexão mais profunda sobre os sacramentos e a teologia da Igreja, reflexão da qual Santo Agostinho participou ativamente.

³⁶ Serm. 81.

³⁷ idem 296.

³⁸ Grupo de intelectuais pagãos da corte imperial liderados pelo senador Volusiano. Eles acusavam o Cristianismo de ter uma doutrina, cujos os princípios eram contrários à República. Pois, esta era baseada na força e se expandia graças as guerras e invasões. Enquanto, o Cristianismo pregava a mansidão o amor aos inimigos e o a paz. Eles viam nisto uma ameaça aos fundamentos da República.

uma tentativa de Santo Agostinho de interpretar a história à luz da Sagrada Escritura. Ela foi longamente preparada. Já por volta do ano 405 d.C., ele escreve algumas orientações aos seus catequistas mostrando sua intenção de fazer uma espécie de tratado sobre as duas cidades:

*“Pois há desde o início do gênero humano e haverá até o fim dos séculos duas cidades, uma dos iníquos e outra dos Santos. Misturados agora pelos corpos, mas separados pelas vontades, serão no dia do juízo separados também pelos corpos.”*³⁹

Também quando fez um estudo sobre o livro dos Gêneses, vários anos antes de escrever a *Cidade de Deus*, intitulado *De Genesi ad litteram*, ele havia proposto o tema das *duas cidades*, quando se pronuncia sobre os dois amores que comandam as ações dos homens, peregrinos sobre a terra:

*“Estes dois amores dos quais o primeiro é santo, o outro impuro, social um o outro egoísta, o primeiro procura a utilidade comum para conseguir a companhia celestial; o outro se encaminha pelo arrogante desejo do domínio, o bem comunitário em proveito próprio; o primeiro se submete a Deus, o outro em luta contra ele; o primeiro tranqüilo, o outro sedicioso, o primeiro prefere a verdade aos elogios dos que erram enquanto o outro, está ansioso de qualquer tipo de honras; o primeiro quer para o próximo o que quer para ele mesmo, o outro aspira a submeter o próximo a si mesmo; o primeiro governa o próximo, para utilidade, do próximo, enquanto o outro governa o próximo para seu proveito; ambos tiveram seu lugar entre os anjos, o primeiro entre os bons e os outros nos iníquos, e diferenciaram-se na admirável e inefável providência de Deus, que ordena e dirige todas as coisas criadas, as duas cidades criadas no meio do gênero humano; a primeira dos justos a outra dos pecadores; ambas agora misturadas temporalmente. Talvez, se o Senhor o quiser, falaremos mais amplamente em outro lugar sobre estas ‘duas cidades’”.*⁴⁰

1.3.2 A finalidade

Convém ressaltar que ao longo deste trabalho, em torno do pensamento político de Santo Agostinho, cito com frequência o livro das Confissões, pois a *Cidade de Deus* é por assim dizer uma continuação da experiência pessoal de Santo Agostinho, nele retratada; só que nela Santo Agostinho fala da luta que existe na Terra entre a Luz e as trevas, em sentido amplo. O mundo está de fato dividido entre bons e maus. Todo homem experimenta na sua própria pele o que isso significa, tendo que fazer todos os dias uma escolha; ao optar pelo bem, assegura sua felicidade e a de seus semelhantes. Quando prefere o mal, ao invés do bem, acarreta a sua própria destruição

³⁹ “De Cath. Rudibus, *A instrução dos catecúmenos* Cap. XIX, 81.

⁴⁰ De *Gên. ad litteram* XI, 16,21.

e compromete a convivência com seus semelhantes. Santo Agostinho vivenciou esta experiência. Ele relata esta realidade nas suas Confissões, que estão permeadas pelo drama da sua vida, marcada pela recusa de aceitar a vontade do Criador preferindo muitas vezes a sua própria vontade repleta de paixões, vícios que se opõem à vontade Divina, única capaz de proporcionar o encontro do homem consigo mesmo e com Deus, a Suprema Verdade que dá sentido à existência humana. Na *Cidade de Deus*, Santo Agostinho fala do drama da história da sociedade e das civilizações que quiseram erguer-se sem o Criador. Ele fala especificamente do Império Romano que fora arruinado porque estava alicerçado unicamente sobre a soberba humana. Tomando o exemplo do que acontecera com a Torre de Babel, Agostinho⁴¹ contemplara o Império Romano como a história daqueles homens que o livro do Gênesis apresenta cheios de prepotência, que desejavam construir uma torre grandiosa que chegasse a alcançar o cume dos céus sem o auxílio divino. Pois bem, os construtores não chegaram a realizar seu desejo, pois a torre ficara incompleta apesar dos esforços humanos. A imagem da torre pode servir de exemplo para o Império Romano e qualquer empreendimento que a criatura faça descartando seu Criador. Roma tivera seu auge, mas fora destruída por que desde o início estava edificada sobre o próprio orgulho.

Apesar da visão um tanto realista e pode-se até dizer pessimista de Santo Agostinho, ele na *Cidade de Deus* deseja estimular os homens a buscar em tudo e acima de tudo Deus, pois somente Ele imbui verdadeira consistência a todos os ideais e projetos humanos. “*Feliz o povo cujo Deus é o Senhor*”⁴². Deus deseja agir na sociedade através dos bons, que devem brilhar no meio das trevas com o testemunho de uma vida voltada para Ele, pautando suas ações e atitudes na palavra Dele.

Na *Cidade de Deus*, sobressai a história terrena dos povos, mas se descortina também o destino Transcendente da humanidade que, em meio da transitoriedade dos acontecimentos, deve vislumbrar e desejar a pátria definitiva para onde todos caminham pressurosos aguardando o dia feliz em que tomarão posse da verdadeira vida.

⁴¹ De Civitate Dei (XVI, 4, 1).

⁴² Sl. 33,12.

Santo Agostinho ao repassar a história da sociedade, do seu tempo, na *Cidade de Deus*, afirma que as realidades terrenas só têm valor enquanto levam os homens e as instituições a pensarem na vida eterna.⁴³

Embora não tivesse de imediato a preocupação de tratar questões diretamente voltadas para política, no desenrolar da obra se destacam algumas indicações preciosas neste campo. *De Civitate Dei* é fruto de um esforço sem medidas do Bispo de Hipona, que não obstante todas as suas atividades pastorais, e a defesa da Igreja das heresias, dedicou cerca de 14 anos de sua vida para escrevê-la: observando fatos, recolhendo informações, encontrando-se com refugiados, que por certo lhe levaram as imagens da destruição e ruína de Roma e da desilusão profunda que padeciam, pois o Império Romano era um mundo ideal, onde parecia que se vivia numa intensa harmonia. A sua derrocada veio a levar por terra uma cidade que parecia aos olhos do mundo uma antiga muralha estável para sempre. Assim, depois de três anos da desgraça que caíra sobre o Império Romano, Santo Agostinho, por insistência de seu amigo Marcelino, como ressaltado anteriormente, começou a escrever a *Cidade de Deus* como Ele explica logo no prólogo da obra: “*Estou escrevendo, conforme promessa minha, e te dedico, caríssimo filho Marcelino*”. Assim, Santo Agostinho inicia sua resposta aos apelos de Marcelino e divide a *Cidade de Deus* em vinte e dois volumes. Os primeiros dez tomos são explicitamente dirigidos ao combate das velhas práticas e crenças pagãs. Os doze volumes subsequentes não devotam tanto espaço a isso. Neles, Santo Agostinho passa pelo tema da política e do estado que segundo ele tem a finalidade de salvaguardar os cidadãos da guerra e promover a concórdia, justiça e o bem comum.⁴⁴

Embora tenha sido escrita para dar uma resposta dentro de um determinado contexto histórico, *De Civitate Dei* conservou ao longo dos séculos seu valor insubstituível como relato histórico-social. Ela contém ainda hodiernamente contribuições fundamentais de grande alcance para a construção de uma civilização onde os homens vivam em profunda harmonia, dando a Deus o que é de Deus, transpondo seus interesses pessoais, almejando os coletivos e construindo os alicerces da *Cidade de Deus*.

⁴³ Tomás Ramos, M.F. “*A idéia de estado na doutrina ético política de Santo Agostinho*” P.29, Loyola. São Paulo, 1984.

⁴⁴ *De Civitate Dei* (XIX, 12 e 13).

A *Cidade de Deus* é uma explanação que valoriza o homem e o seu convívio no seio da sociedade. Contudo, ela denuncia o caráter egoísta e individualista de alguns cidadãos que não se empenham em procurar o bem comum. É neste contexto que a fé cristã oferece o ideal do amor que se torna a base para o alcance da concórdia e da justiça. O cristianismo, por meio do amor social, motiva os homens a romper com as suas estruturas pecaminosas e injustas, que impedem a construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Na *Cidade de Deus*, Santo Agostinho diz claramente que qualquer ideal de fraternidade e paz só se tornará uma realidade quando os governantes e seus súditos abraçarem a fé e agirem movidos pelo amor e não pelo domínio como é próprio das sociedades terrenas que buscam o poder somente pelo desejo de dominar.⁴⁵

A finalidade inicial da *Cidade de Deus* como visto acima, foi simplesmente, Apologética, como são geralmente as obras de Santo Agostinho. Ele escreveu quase sempre tendo em vista a solução para um problema imediato da Igreja do seu tempo. Contudo, seus escritos não se limitaram a resolver questões de ordem puramente religiosa. Quando fala do homem ele o aborda integralmente, suscitando várias reflexões que envolvem sempre o seu agir. A vida se desenrola sempre dentro de um contexto individual que repercute no social. Para Agostinho o homem não é um ser isolado ele faz parte de uma comunidade. Suas ações influem na sociedade. A crítica que Santo Agostinho faz na *Cidade de Deus* ao Império Romano e a todo governo que não tem no seu projeto os princípios cristãos, ou seja, que não vive total dependência com relação ao Criador está fadada a desaparecer. O Império Romano porque estar alicerçado ao culto aos deuses pagãos, que foram incapazes de proteger Roma da sua ruína. O Império Romano estava preste a ruína segundo Santo Agostinho, pois desde a muito nele não se praticava a justiça. O próprio conceito de República que significa coisa do povo estava comprometido, pois isso não era mais vivido no seio do Império. Havia em vários setores e camadas da população situações de desigualdade social que desmascaravam este conceito. A muito tempo que não existia mais uma multidão unida que vivia uma concórdia perfeita.⁴⁶ Pois como poderia haver uma união completa de mente e coração numa sociedade em que os mais pobres eram massacrados e tratados como seres inferiores. Isso acontecia em Roma e nas

⁴⁵ Idem (XV, 7, 1).

⁴⁶ Cf. *De Civitate Dei*, XIX, 24.

províncias dominadas pelo Império Romano. Muitas pessoas não tinham acesso aos bens materiais. Nem mesmo suas necessidades básicas como alimentação e roupa eram supridas. Pois suas propriedades tinham sido tomadas por altos funcionários do Império.

Santo Agostinho também aponta como motivo da queda do Império Romano a depravação dos costumes. Os deuses que eram invocados pelos romanos não implantaram domínio das paixões desordenadas. Parece que eles não estavam muito preocupados com a situação moral. Pois a degradação dos costumes que for a crescendo até que não houve mais como coibi-los.

O que Santo Agostinho mostra na *Cidade de Deus* continua tendo ressonância até hoje. A mensagem continua intacta, após tantos séculos, pois o homem é sempre o mesmo portador de qualidades e defeitos. Ensimesmando as paixões que só são controladas e canalizadas, como a própria experiência de Agostinho explica quando se abre a graça de Cristo.

O ideal de um Estado justo e fraterno só será possível quando governantes e governados tiverem diante de si os princípios cristãos.⁴⁷

⁴⁷ idem, V, 26,1.